

A volta de Odile

Texto de Sheila Kaplan

Entrei no elevador tão distraída que se acaso ele não estivesse no andar eu cairia no poço, morreria sem me dar conta. Estava zozona de sono e cansaço, mas precisava fazer feira, senão só na semana seguinte. Balbuciava bom-dia mecânico quando a reconheci imediatamente. Minha companhia no elevador, aquela senhora miúda e rija, não havia dúvida, era Odile Lírio, ainda bela, na medida em que uma mulher em seus 70 e muitos pode guardar resquício de beleza. Os olhos inconfundíveis, de um verde intenso, ainda se destacando no rosto cravejado de rugas.

Odile Lírio! Subitamente desperta, cogitei em segundos se seria melhor manter-me em silêncio, apenas desfrutando de sua presença luminosa, ou declarar-me sua fã, a maior que ela poderia ter. Conhecia sua história em detalhes. Tinha assistido todos os filmes que fez na década de 60, quando era considerada a grande diva do cinema e do teatro brasileiros, numa trajetória fulgurante interrompida bruscamente pelo sumiço misterioso no início da década seguinte. Apagamento tão completo que chegaram a pensar que pudesse ter sido morta, militante de algum grupo clandestino, naqueles anos de ditadura.

Tinha assistido mais de uma vez a vários de seus filmes em mostras e festivais, dois deles no Youtube, e nunca me cansava de admirar em Odile o talento cheio de frescor, uma espontaneidade contagiosa mas não de todo *naïve*, uma atriz que se relacionava com a câmera com tanta intimidade como se prescindisse de direção. Para

além do gênero ou diretor, sempre a entrega visceral, perturbadora, indefesa, ao personagem.

Uma das minhas frustrações foi nunca tê-la visto no teatro, claro, pois quando nasci ela já tinha sumido das telas e palcos há uns 20 anos. Busquei por registros das peças em que atuara, mas encontrei pouca coisa. Uma foto ou outra amarelecida de montagens que se tornaram clássicas. Imaginava como ela teria se saído na pele da adolescente Glorinha de *Perdoa-me por me traíres* ou de Claire Zachanassian em *A visita da velha senhora*. E a última vez em que subiu num palco, Antígona, imensa, furiosa, premonitória.

Depois o sumiço. E as manchetes. “O mistério de Odile”, “Onde se esconde a musa”, “Flagrada em NY”, esse tipo de coisa, que volta e meia tornava aos noticiários e que eu ia colecionando, juntando pistas, como se me coubesse desvendar uma lenda obscura da minha própria família. Claro que as versões alimentavam um paralelo com Greta Garbo. Let me alone. Me deixem só. Cansei, fui. O mito da atriz linda, célebre, que não quer ser vista na decadência, degenerando dia a dia, célula a célula, à vista de todos. Melhor morrer para a vida pública. Melhor renascer para a existência anônima, feliz.

Agora que a via tão próxima, os corpos quase se tocando no espaço daquele elevador minúsculo, não poderia calar-me. Odile olhava para baixo quando me declarei num ímpeto: “Sou sua fã, você é a melhor atriz que o Brasil já teve, ninguém jamais conseguiu chegar a seus pés...”. Não lembro o que mais disse naquele instante quase místico, como se fora do tempo, seu rosto me encarando meio ausente, sorriso hesitante, que me fez duvidar se era mesmo ela, se não projetara naquele semblante expressivo a

diva que eu seguia, qual inusitada stalker, há tanto tempo. Com alívio ouvi um “obrigada” em tom baixo, não, eu não estava delirando.

Sáimos as duas pela portaria. Ela cumprimentou educadamente o porteiro, chamando-o pelo nome, enquanto eu, numa espécie de transe, só prestava atenção na sua postura, na sua voz, ainda me certificando de que era ela mesma. Então era Odile Lírio a nova vizinha que viera ocupar há pouco o apartamento dois andares acima do meu?

Na feira, enquanto catava os vegetais e frutas de sempre, não conseguia pensar em outra coisa. A minha paixão por Odile começara na mesma época em que decidi tornar-me atriz. Terminado o segundo grau, nada me atraía e desanimada via os colegas entrando para faculdades disso e daquilo, entusiasmados, e eu incapaz de me ver em qualquer daqueles cursos. Médica, dentista, advogada, professora, cientista, tudo me parecia só ter sentido na ficção, não numa existência real que me desse sustento.

Fiquei um tempo trabalhando em empregos circunstanciais, recepcionista de academia de musculação, de curso de inglês, fiz curso rápido de guia turística, me virava. O estalo, como costuma acontecer, se deu meio por acaso. Fomos, eu e minha irmã, assistir a uma peça num teatro no Centro, onde trabalhavam amigos dela. Era uma montagem criada a partir dos poemas eróticos que Odile Lírio publicara pouco antes de sair de cena. Encenação despojada, praticamente sem cenário, só duas jovens atrizes, em *collant* preto, numa recriação vivencial daqueles versos, inocentemente obscenos, enquanto um músico sublinhava com o violão momentos mais densos. Tudo muito simples, mas as atrizes eram ótimas, giravam pelo palco, soltas, em coreografia insinuante. Quase no final, um número de pole dance eletrizava o público, não muito

numeroso, mas participativo, caloroso. Saí arrebatada do teatro, envolvida por um sentimento de que tinha encontrado algo a que poderia me dedicar.

Duas paixões nasceram ali, simultâneas. Pelo teatro, a alegria explosiva, a fala forte, desnatural, o movimento, o ritmo, o olho no olho da plateia, e pela autora daqueles versos vivos e desnudos, que me despertaram emoções desconhecidas, repercutindo pelo meu corpo, um bom tempo depois do espetáculo. Na semana seguinte me inscrevi num curso de teatro no bairro, fui tomando gosto, me preparei, Escola de Teatro. De lá para cá, dez anos, gramei muito, três infantis, duas peças adultas, participações na tevê, e a paixão por Odile como música de fundo, permanente.

Quando retornei da feira, perguntei ao Pedro, porteiro da tarde, sobre a nova moradora do prédio, do apartamento 706, se sabia seu nome. “Dona Ifigênia?”, ele perguntou. Pseudônimo perfeito para a segunda vida de Odile, pensei. Mais uma vez a tragédia grega. A coragem, o sacrifício, a morte gloriosa. A heroína de Eurípedes, que agora morava no mesmo prédio que eu. Não podia deixar passar essa coincidência incrível. Um sinal, um sinal, repetia para mim, sem saber exatamente sinal de quê.

Os próximos dias passei arquitetando o melhor jeito de me aproximar dela. Seria estranho bater na sua porta, sem mais nem menos, melhor seria inventar alguma desculpa, até para não assustá-la com uma investida apaixonada. Enquanto planejava, pesquisei os recortes que juntara em duas pastas verdes, reli o livro erótico encontrado num sebo, fui ao Museu da Imagem e do Som na esperança de mais informações. Os ensaios para a remontagem do infantil em que eu fazia um peixe sem memória, vagamente inspirado em *Procurando Dory*, aconteciam só três vezes por semana, à noite, o que me dava bastante

tempo para me dedicar ao “sinal”, como eu mentalmente me referia àquele encontro improvável com a musa da minha adoração.

Acabei optando por um subterfúgio e uma semana após o encontro no elevador, escrevi um bilhete, que, subindo os dois lances de escada, o coração aos pulos, não pelo esforço mas pela ousadia, lancei porta adentro em seu apartamento. Dizia assim: “Minha cara (acabei optando por esse tratamento, entre o formal e o carinhoso, sem mencionar seu nome, nem o antigo nem o novo). Foi mesmo incrível a coincidência de encontrá-la no outro dia no elevador. Sou atriz, estudo teatro na Unirio (aqui uma discreta distorção, apenas modifiquei o tempo verbal, atualizando o que de fato ocorrera anos antes), estou fazendo uma pesquisa acadêmica sobre teatro nos anos 60 e gostaria de entrevistá-la. O prazo para concluir o trabalho é o fim desse mês (não pude conter minha ansiedade), seria muito bom se pudéssemos encontrar ainda esta semana. Por favor diga-me se é possível. Com muita admiração...”.

Para minha surpresa a resposta veio menos de uma hora depois num bilhete também deslizado pela minha porta. “Pois não. Venha hoje mesmo, às quatro. Estarei te esperando”. Tentei decifrar a assinatura em letra trêmula, algo ilegível, parecia mais Ifigênia que Odile.

Estava animada, excitada, um tanto nervosa, quando toquei sua campainha exatamente na hora marcada, nem um minuto a mais, nem um a menos, para que nada pudesse estragar o momento. O mesmo sorriso doce e um tanto ausente. Vestia uma túnica comprida estampada em tons quentes, florões em vermelho, laranja, rosa, com ar indiano. Sentei-me no sofá que ela indicara e assumi um ar profissional, caneta na mão, caderno sobre o colo. Ia tirando o gravador da bolsa quando ela balançou a mão,

enérgica, acenando um não. Guardei imediatamente o aparelho, expliquei a pesquisa, com detalhes, numa atuação impecável, tão natural que eu mesma acreditei na veracidade do que falava. Me senti tão bem encarnando o papel de pesquisadora que ia adicionando empolgada minúcias e exemplos, num improviso que me deixou orgulhosa, como poucas vezes sobre o palco.

Depois de escutar com atenção distanciada, Odile-Ifigênia levantou, trouxe uma bandeja com um bule de chá e biscoitos amanteigados. Embora simpática, não fez qualquer referência ao que eu dissera e começou a contar uma longa história sobre o problema que estava tendo com a operadora telefônica, os inúmeros contatos infrutíferos para resolver a cobrança indevida, os gritos com a atendente de telemarketing, os números dos protocolos, uma história que parecia nunca mais terminar. Não conseguia interrompê-la para retomar o meu propósito de saber mais sobre sua vida. Reparei que a voz tinha mudado muito, era grave ainda, mas como se as palavras fossem pronunciadas com sotaque estranho, de uma região não identificada. Quando por fim deu uma pausa, como num diálogo de loucos, retomei: “Então o teatro, naqueles anos...”.

“Querida”, ela disse, cortante. “Não entende que isso ficou para trás, que esta era uma outra existência, de que já não me recordo mais?” “Nada...?”, tentei insistir. Odile voltou ao assunto anterior, das pendengas, da burocracia que toma conta de tudo. Percebi que daquele mato não sairia nem um poodlezinho, que devia me dar por satisfeita só de estar na sua companhia. Bebia o chá, resignada, quando Odile fez o convite. Se eu não poderia ajudá-la com esses problemas, vir à sua casa às terças e sextas, na parte da tarde, ser uma espécie de secretária, ela me pagaria meio salário mínimo, era pouco, sabia, mas

é o que podia, tinha me achado simpática, mais pela companhia. “Aceita!?” , rematou, meio súplica, meio ordem.

“Odile...”, comecei. “Ifigênia”, ela corrigiu. “Certo, Ifigênia. Eu também sou atriz, não com o seu brilho e talento... minha experiência de palco não é grande...”. Eu não sabia muito bem onde queria chegar. “Como você, quer dizer, você no passado, eu também sou devotada a esse ofício nobre e sagrado...” Não sei de onde tirei isso, mal pronunciei me dei conta do clichê, queria ganhar tempo. Ela foi se levantando e disse “Nos vemos sexta então, muito bem”, enquanto me conduzia em direção à porta.

Desci os dois lances de escada, eufórica, confusa, na dúvida se minha incursão poderia ser considerada vitoriosa ou fracassada. Nesse dia e também no seguinte, dediquei boa parte do tempo a escrever sobre a experiência, a minha paixão por Odile, a coincidência de ter encontrado com ela morando no mesmo prédio que eu, seu alheamento, o novo nome, como tudo aquilo parecia enredo tosco de novela... Anotava o que me vinha à cabeça, a forma que eu tinha de organizar o pensamento. Quando me tranquilizei, deletei as frases soltas, desconexas, e abri um arquivo novo, que intitulei “A volta de Odile”.

Enquanto tentava organizar minhas emoções, a ideia da volta à cena da antiga diva dos palcos foi ganhando contorno e eu já podia ver nós duas contracenando, o público pego de surpresa, os mais velhos seduzidos pela nostalgia, os jovens pelo mistério da história, já previa sucesso estrondoso, entrevistas na tevê, elogios da crítica, casa cheia. O mote a ser trabalhado pelo marketing não poderia ser outro: a volta da velha dama do teatro brasileiro, que reaparece, após décadas, para despedir-se do seu público. Um pouco mórbido, talvez, o público gosta disso.

Lembrei da imagem de Cacilda Becker, descrição que li já não sei onde, no meio de *Esperando Godot*, caída, vítima de derrame cerebral, sendo levada para fora do teatro, desacordada, sua mão, embora sem vida, passando delicadamente pelas poltronas de veludo, como um carinho, um adeus ao teatro. Um último gesto, contundente, silencioso, de amor. Funesto, mas o público gosta.

Passsei a noite acordada, percorrendo a literatura dramática que ocupava duas prateleiras superiores da estante da sala. Lia o que encontrava, sem ordem, uma vista dinâmica para relembrar textos que já conhecia. Eurípedes, Tennessee Williams, Nelson Rodrigues, Edward Albee... Não. Sam Shepard, Neil LaBute, Vianinha, Mauro Rasi. Não. Tracy Letts, Jô Bilac, Renata Mizrahi. Nada se encaixava em algo que pudesse destacar duas atrizes em cena, papéis fortes, uma idosa, uma jovem, em confronto incisivo (não queria cair na relação mãe-filha, por demais explorada na dramaturgia).

Exausta da noite virada em claro, decidi que o melhor seria encomendar o texto a um autor de teatro que comprasse a ideia. Poderia partir do real, a grande dama, o sucesso, o sumiço, a stalker, o encontro, o retorno. E o conflito? Lembrei das aulas na faculdade, tinha de haver um conflito que gerasse a necessária tensão dramática. Então: uma atriz decadente e sua recusa de recordar os anos de celebridade. Recusa em lembrar o convívio com os movimentos e artistas dos anos 60, os amores que lhe inspiraram os poemas eróticos, a hipotética militância política. Não fala do que a levou a sumir, onde viveu esses anos todos, a nova vida com nome de heroína grega... Totalmente emudecida. Até que conhece uma jovem e promissora atriz (eu!), que a convence a voltar a atuar. Ante sua amargura em relação ao ofício (“nobre e sagrado? hahaha”, ela ironizava), a jovem atriz, cheia de gás e energia, mostra-se confiante no fogo da arte teatral, ainda mais

forte agora, a presença viva, incorrigível, contrapondo-se às realidades virtuais. Este o embate, o conflito, a disputa capaz de gerar a tensão cênica.

Poderia ser uma peça semiautobiográfica. A atriz sobe ao palco para compartilhar com a plateia sua história, sua trajetória de vida. Pensei convidar Thiago Melo, meu colega nas aulas de Texto Dramático, que poderia, quem sabe, aceitar a incumbência. Eu teria de persuadi-lo do projeto, torná-lo mais amplo, ambicioso. Iria além da biografia da atriz, ele podia pesquisar os anos 60, contrapô-los ao nosso tempo, trabalhar o confronto de visões, o país que se desenhava após a ditadura. As ideias se atropelavam e eu ficava mais e mais empolgada, ansiosa para chegar logo a sexta-feira e contar desses planos a Odile.

Numa espécie de vertigem, ia anotando as ideias e os tópicos. Quem poderia dirigir a peça? Algo mais realista, formal, ou algo mais desconstruído, fugindo ao linear? Nesse caso, quem sabe inserir algumas falas de *Iphigenia in Aulis*, para assinalar o trágico da história? Naquele momento, tudo me parecia, se não fácil, pelo menos possível, viável mediante algum esforço.

Sexta-feira, horário combinado, subi os dois lances de escada, o coração ainda mais agitado que da outra vez. Tinha tido tantas ideias, como falar delas para Odile, como convencê-la? Toquei a campainha e esperei. Nenhum movimento. Toquei de novo, não estava certa de ter ouvido o som. Encostei o ouvido na porta para ver se conseguia discernir algum ruído de dentro de casa. Nada. Será que Odile tinha saído, simplesmente esquecida do convite feito, do que tinham combinado? Estaria no banheiro ou dormindo... Ou teria... Até que não aguentei e pressionei com força a campainha, várias vezes, o som estridente se repetindo sem que ninguém viesse à porta.

Desci correndo os sete lances de escada até a portaria. “Seu Pedro, o senhor sabe de dona Ifigênia? Ela não está em casa”, falei, atropeladamente. Ele me olhou sem entender direito. “Dona Ifigênia do 706? Ela saiu ontem bem cedo, duas malas grandes, casacão no braço. Entrou num táxi, depois não a vi mais”, contou. E, olhar perplexo, acrescentou: “Ela nem se despediu.”